

Maria Regina Álvares Correia Dias: uma designer de formação, profissão e coração

Maria Regina Álvares Correia Dias: a designer by training, profession and heart

Giselle Hissa Safar



Figura 1: Imagem criada a partir de fotografias pessoais, registros de documentos de trabalho, diplomas da graduação, mestrado e doutorado, imagem com doutorandos do Dinter durante curso no Ceará, em 2024. Fonte: Acervo de MRACD.

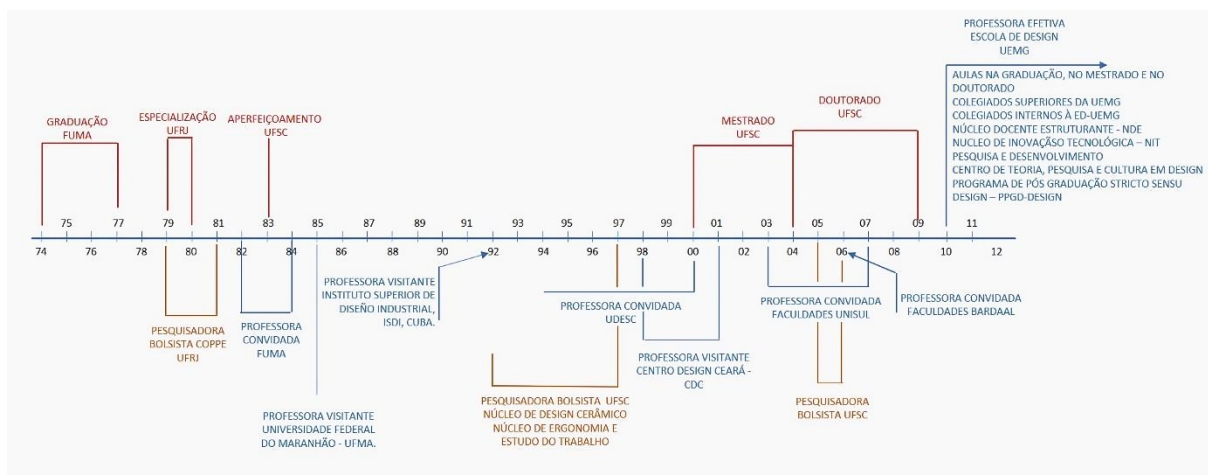
É um grande desafio escrever sobre a trajetória de alguém de quem se é colega e amiga e ainda manter a imparcialidade e a impessoalidade exigidas pelo caráter científico de um texto para uma publicação periódica como esta. Mas vale a pena tentar.

Maria Regina Álvares Correia Dias, ou simplesmente Regina, é uma pessoa querida e admirada que sempre me impressionou por seu comprometimento com o design e sua disposição por fazer as coisas do jeito certo, seguindo as regras, de forma meticulosa e completa. Mas não foram tais qualidades que justificaram a escolha de Regina como objeto de pesquisa e protagonista do relato do presente texto e sim, vários aspectos de sua vida profissional e acadêmica: Regina estudou e se graduou na antiga Fundação Mineira de Arte (FUMA), hoje Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), em Desenho Industrial, hoje Design de Produto, numa época em que poucos o faziam, principalmente se fossem do sexo feminino. Foi professora da instituição na década de 1980 e depois, de forma efetiva, a partir de 2010 até hoje. Aliás, como aluna e professora conheceu todas as quatro sedes que a escola teve. Percorreu com louvor todas as etapas de uma formação acadêmica (graduação, aperfeiçoamento, especialização, mestrado e doutorado), o que por si só já é algo impressionante considerando a época da obtenção desses títulos e as dificuldades inerentes à área do Design. Tem uma produção acadêmica bastante significativa (35 publicações em periódicos, 12 livros organizados, 12 capítulos de livros, 78 trabalhos completos e 15 resumos publicados em anais de congressos até o momento do fechamento deste texto). Atuou como docente em importantes instituições de ensino superior (UFMA, ISDI – Cuba, UFSC, UDESC, UNISUL¹) bem como atuou como designer em empresas historicamente relevantes, como a Itaotec, LDP/DI e LBDI e ainda foi empreendedora tendo criado e administrado dois escritórios próprios (ParaDesign e Pixel Design).

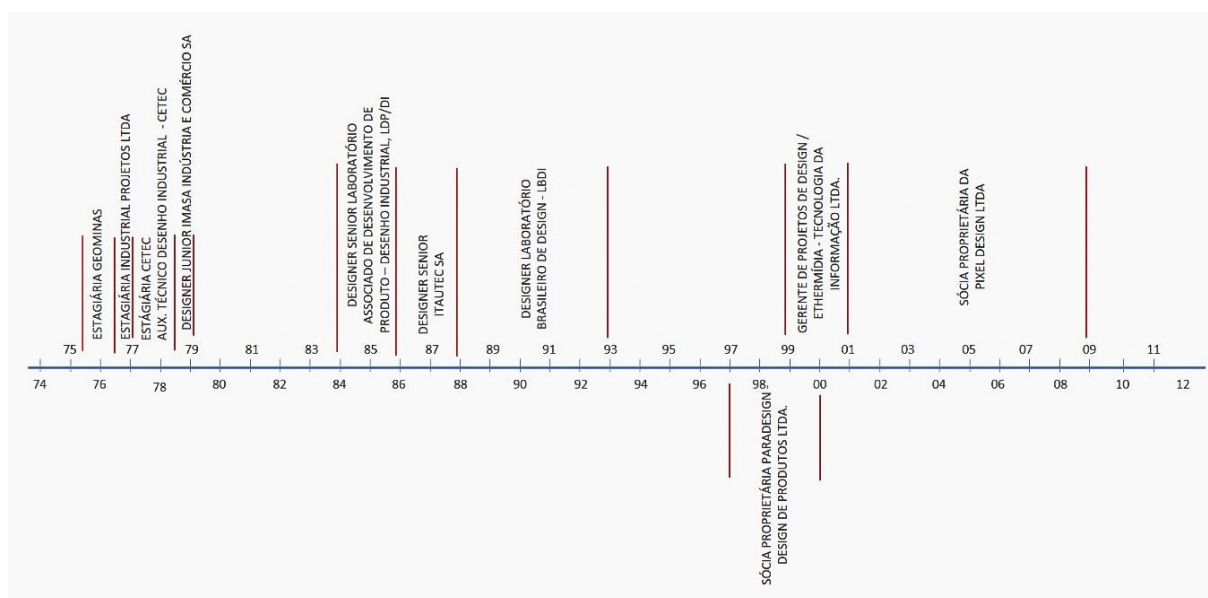
Lá se vão cinquenta anos desde seu primeiro contato com o Design, sem nunca ter abandonado a área. Algo surpreendente para qualquer profissional que viveu as décadas de 1970 a 1990, mas, particularmente relevante, para uma mulher designer de produto que soube transitar por áreas marcadamente masculinas. Falar sobre sua trajetória, portanto, não é simplesmente uma homenagem, ainda que merecida. Trata-se de um registro importante para compreender a história do Design brasileiro e, principalmente, a trajetória das mulheres no Design.

Metodologicamente, esse trabalho se fundamenta nos pressupostos da abordagem qualitativa, especificamente na pesquisa narrativa como entendida por Clandinin e Connelly (2015). Trata-se de um estudo biográfico no qual alguns cuidados foram observados como a busca de documentos, de entrevistas pré-existentis, imagens e, sobretudo, um intenso processo de confirmação e validação das informações junto à pessoa pesquisada. Num primeiro momento foram montadas duas linhas do tempo – trajetória acadêmica e trajetória profissional como designer, tendo como base o currículo da Plataforma Lattes (Figuras 2 e 3).

1 Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Instituto Superior de Diseño Industrial (ISDI). Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL).



*Figura 2: Trajetória acadêmica de 1974 aos dias atuais.
Fonte: Elaborado pela autora a partir do currículo da Plataforma Lattes.*



*Figura 3: Trajetória profissional como designer de 1974 aos dias atuais.
Fonte: Elaborado pela autora a partir do currículo da Plataforma Lattes.*

A partir dessas linhas do tempo e de sua sobreposição, foram elaborados blocos de conteúdo e formuladas questões para seu esclarecimento que constituíram o roteiro por meio do qual foram conduzidas as consultas a documentos, a escuta de gravações de entrevistas já existentes e as trocas de informações por meio de mensagens do WhatsApp, e-mail e telefonemas, num contínuo processo de idas e vindas.

* * *

Regina é mineira de Belo Horizonte, segunda de seis irmãos, filha de pais intelectuais que, desde cedo, lhe inculcaram o amor à leitura e aos livros, dos quais até hoje é consumidora voraz. Viveu em BH até os quinze anos de idade quando, então, por força do doutorado do pai e sua posterior admissão na Universidade de Brasília (UnB), mudou-se com a família para a capital do país, lá ficando até a época da faculdade.

Regina sempre gostou de desenhar, montar e desmontar coisas e sua mãe, que por muitos anos fora psicóloga da área de orientação profissional, após confirmar por meio de um teste vocacional suas aptidões, começou a procurar um caminho que lhe interessasse além da arquitetura, que parecia o mais natural até o momento. Foi assim que descobriu que o Touring Club de Brasília estava promovendo uma exposição de design suíço e lá foram as duas a saber o que era isso. A jovem Regina imediatamente se encantou com o que viu e desde então, mãe e filha passaram a pesquisar as possibilidades para cursar o desenho industrial no país, em cidades nas quais a família tivesse contatos, familiares ou conhecidos. Desse modo, Regina prestou exame vestibular na Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI), no Rio de Janeiro, na própria UnB e na FUMA., tendo sido aprovada nesta última porque, como ela mesma lembrou, teve o cuidado de fazer o curso preparatório.

A vida universitária foi normal. Inicialmente morou com a avó no bairro Sion, mas pouco tempo depois, estava numa república. Foi aluna dedicada (naquela época diríamos “caxias”), mas também teve vida social ativa, sendo frequentadora assídua da Casa dos Contos e dos bares do edifício Maletta, como a Cantina do Lucas onde as conversas giravam em torno, principalmente, da situação política do país. O Brasil estava em plena ditadura e uma jovem politizada como ela, de esquerda, cujo pai fora figura proeminente no Partido Socialista, tinha que tomar muito cuidado. Quanto ao curso da FUMA, somente boas recordações. Ela frequentou o turno da manhã onde havia um maior número de mulheres, mas o curso de Desenho Industrial, em geral, era composto mais por homens. Justiça seja feita, nunca teve problemas, nem com colegas e nem com professores do sexo masculino. Dos colegas lembra com carinho de Leila Gontijo, Ângela Dourado, Roberto Neder e Cláudio Brandão (que faleceu ainda jovem, sem concluir sua formação).

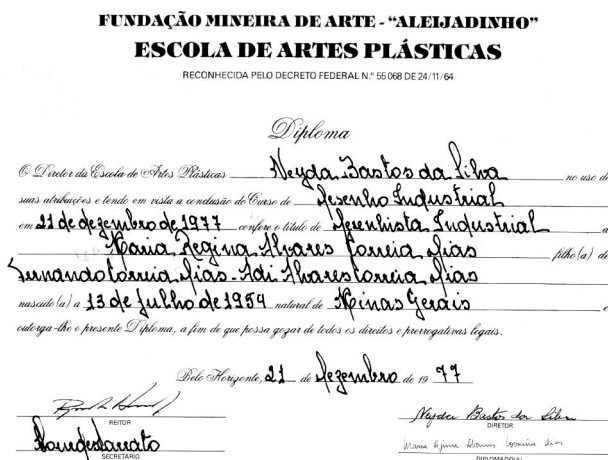


Figura 4: Diploma de Desenhista Industrial pela ESAP-FUMA. Fonte: Acervo pessoal de Maria Regina Alvares Correia Dias – MRACD.

A década de 1970 na qual Regina estudou e se graduou (Figura 4) foi relativamente boa para o Design, uma vez que havia interesse estratégico de que o Brasil deixasse de ser exclusivamente um consumidor de tecnologias já prontas e importadas. O surgimento de iniciativas governamentais para que houvesse uma política científica e tecnológica efetiva abriu um caminho promissor para o Design, como lembra Leon (2014):

O Brasil dos anos 1970 foi um período de grande crescimento da economia, durante o qual os governos militares desenvolveram projetos ambiciosos de capacitação e efetivação tecnológica e científica. O desenho industrial ganhou então expressão social significativa e passou a fazer parte das políticas de governo. Este é um aspecto muito pouco conhecido da história do design brasileiro e de como ele começou a ser tratado como agente de desenvolvimento tecnológico e industrial (Leon, 2014, p. 13).

Regina soube aproveitar as oportunidades que surgiram. Após passar por estágios em duas empresas - Geominas Engenharia e Consultoria Ltda e Industrial Projetos Ltda (Figura 5), em seu último ano da graduação, foi estagiária no Setor de Desenho Industrial do Centro Tecnológico de Minas Gerais (CETEC) (Figura 6) por um período de seis meses, levada por Marcelo de Resende, que além de ser o coordenador do setor na época, foi seu professor na FUMA. Após esse período, e antes mesmo de se graduar, foi contratada como Auxiliar Técnico Universitário e permaneceu no Setor até meados de 1978. Entre maio de 1978 e fevereiro de 1979, Regina foi contratada como desenhista industrial da empresa IMASA S/A Indústria e Comércio, localizada no bairro Lagoinha, onde pôde se familiarizar com os aspectos envolvidos no projeto e produção de mobiliário para escritórios e refeitórios.



Figura 5: Regina como estagiária na Industrial Projetos em 1976, empresa de propriedade do irmão da colega de turma Sheyla Maria Alves Figueiredo. Fonte: Acervo pessoal de MRACD.



Figura 6: Parte da equipe do Setor de Desenho Industrial do CETEC: da esquerda para a direita: Osvaldo Coutinho do Amaral, Alceu Castelo Branco, Roberto Werneck Rezende Alves (sentados), Marcelo de Resende, Márcio Flávio Duarte e Eustáquio Lembí de Faria. Fonte: Acervo pessoal Marcelo de Resende.

Não poderia ter havido iniciação melhor do que passar pelo Setor de Desenho Industrial (DI) do CETEC:

Criado em outubro de 1972, no âmbito da Fundação Centro Tecnológico de Minas Gerais (CETEC), entidade de direito privado sem fins lucrativos, vinculada ao Sistema Operacional de Ciência e Tecnologia de Minas Gerais (oficialmente constituída em 21 de março do mesmo ano), o Setor de Desenho Industrial coletou, ao longo das décadas de 1970 e 1980, experiências no atendimento à indústria e na realização de pesquisas e projetos, bem como vivenciou problemas como a falta de integração com outros setores do próprio Centro e as deficiências da política industrial da época.

Embora tenha sido extinto em 1989, suas repercussões puderam ser percebidas nos anos subsequentes. A consciência da importância do design se tornou algo tão consistente para a equipe que a grande maioria dos que passaram pelo Setor continuou atuando na área, e isso numa época em que o mercado ainda era bastante refratário ao

profissional de design. Alguns, inclusive, foram para fora do Estado e fizeram parte do esforço para a divulgação e conscientização do design no país (Safar, 2019, p. 21-22).

Durante o tempo em que esteve no Setor de DI do CETEC, Regina teve a oportunidade de conviver com designers profissionais que também eram professores da FUMA, como Eduardo Barroso Neto, Marcelo de Resende, Osvaldo Coutinho Amaral, Ricardo Mineiro e Roberto Werneck Rezende Alves. Atuou em projetos voltados a demandas reais e ampliar seu repertório de leituras, pois a instituição permitia que cada setor escolhesse publicações especializadas para assinatura além de adquirir livros recentes, na sua maior parte estrangeiros.

Trabalhar no CETEC representou uma grande oportunidade de capacitação, algo que a instituição favorecia sempre que possível. Juntamente com seus colegas do Setor de DI, Regina participou do curso *Fundamentos necessários para o dimensionamento de projetos mecânicos na área de design*, ministrado pelo engenheiro mecânico Cláudio Pinto de Barros (1938-2011) que também fazia parte do setor. O programa do curso compreendia conceitos básicos de matemática e física, resistência dos materiais, elementos de máquinas e de tecnologia mecânica. Regina observou que foi a primeira vez que muitos tomaram contato com tais tipos de conteúdo até então não abordados na formação oferecida pela FUMA em Desenho Industrial. Além disso, mesmo já tendo ido trabalhar na IMASA, o CETEC permitiu que continuasse o curso que durou dois anos, de modo que o contato com o ambiente rico em inovação não foi cortado (Dias, 2016).

Para ela, um dos momentos mais emblemáticos de sua atuação junto ao Setor de DI do CETEC, foi a participação no projeto de sinalização e mobiliário urbanos desenvolvido pelo setor para Belo Horizonte que recebeu o nome de *Sistema de Informação Urbana*. Vários dos ex-integrantes da equipe do CETEC o consideram um destaque na trajetória do referido setor (Alves, 2009; Barroso Neto, 2009; Amaral, 2016; Dias, 2016). Regina participou diretamente dos estudos para sinalização de trânsito e fluxo e recorda que foram feitos muitos testes de legibilidade em busca de confirmar as informações teóricas sobre os tamanhos ideais de fontes tipográficas e a forma mais eficiente de alguns símbolos. A importância desse projeto resultou no convite para que fosse exposto no Seminário *Panorama de Identidade Visual* realizado pela Associação Brasileira de Desenho Industrial (ABDI) e Secretaria de Estado de Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, no Museu de Arte de São Paulo (MASP), em 1977. Para Regina foi uma experiência significativa desde a preparação dos painéis “deram um trabalho para fazer que você nem calcula” (Dias, 2016). Afinal, era a década de 1970 e utilizando a melhor tecnologia da época, os painéis tinham que ser montados à mão, sobre papel *Schoeller* (tipo de papel grosso alemão) empregando fotografia, retícula, *letraset* e *letrafilm* e depois fotografados em preto e branco! (Figura 7). Quanto à participação, imagine o significado para uma jovem estudante, viajar para São Paulo e se ver no mais famoso museu da cidade, assistindo a palestras de renomados profissionais da área do design, conhecendo *cases* de sucesso e expondo ao lado de projetos desenvolvidos por profissionais e escritórios de design do país (Panorama de identidade visual, 1977).



Figura 7: Dois dos painéis apresentados na exposição que acompanhava o Seminário Panorama de Identidade Visual, em São Paulo, no MASP, 1977.

Fonte: Acervo pessoal de MRACD.

Como observa Safar (2019) em sua tese sobre o Setor de Desenho Industrial do CETEC:

Os projetos de sinalização e mobiliário urbanos desenvolvidos para Belo Horizonte se revestem de significação histórica por vários motivos. A complexidade e amplitude do tema e a responsabilidade da tarefa foram dadas a um grupo de certa forma iniciante em uma profissão ainda incipiente. Foi tarefa que exigiu da equipe um envolvimento muito grande em termos de pesquisa bibliográfica e de campo, enveredando por assuntos quer ainda não estavam presentes no currículo universitário, elaborando inúmeras soluções projetuais e até mesmo trabalhando na execução técnica de apresentações e modelos. E se as soluções a que chegaram não foram adequadas e completamente implantadas foram ao menos reconhecidas (Safar, 2019, p. 161)

No início de 1979, apoiada pelos colegas do CETEC, Regina participou da seleção para o Mestrado em Engenharia de Produção da COPPE do Rio de Janeiro no qual foi classificada em primeiro lugar, com direito a uma bolsa pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). A seleção foi realizada em Belo Horizonte tamanho era o número de candidatos locais, e a COPPE enviou um representante especificamente para o processo. A importância dessa conquista só pode ser entendida quando avaliada de forma contextual. A Coordenação das Pós-Graduações em Engenharia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (COPPE) é considerada um dos maiores centros de ensino e pesquisa em Engenharia da América Latina e sua fundação, em 1963, pelo engenheiro químico Alberto Luiz Coimbra, representou o primeiro passo na criação da pós-graduação no Brasil, até então praticamente inexistente. Por sua vez, o Programa de Engenharia de Produção, criado em 1967, foi um dos sete primeiros programas *Stricto sensu* da COPPE e sua atuação em temas mais abrangentes, proporcionou oportunidade a áreas que, naquela época, não contavam com programas de pós-graduação, como era o caso do design. Em 1979, quando houve essa seleção, a Instituição já tinha uma enorme reputação (Figura 8).



Figura 8: Cidade Universitária da UFRJ, na Ilha do Fundão, em 1972, para onde a COPPE se mudou em 1967. Fonte: <https://coppe.ufrj.br/historia/>

Sair de Minas para morar no Rio de Janeiro e enfrentar uma instituição poderosa em termos de pós-graduação, com massiva presença masculina, foi um passo e tanto para a jovem de 25 anos que nem por isso se deteve. Inicialmente ocupou uma quitinete em Niterói (indicada por um colega da COPPE) e, posteriormente, alugou um quarto na Usina da Tijuca da irmã do professor Silvio Tavares, que também morava próximo. Segundo Regina (2024), o local, bem perto da Floresta da Tijuca, era aprazível, com muita arborização, a família do professor, de origem nordestina, era muito animada e festeira e foi uma época muito boa. Sua turma na COPPE era, em grande maioria, formada por homens, mas não teve nenhum problema de adaptação.

Divergências com seu orientador sobre a forma de abordagem da dissertação fizeram com que não concluísse o mestrado, mas os créditos já cumpridos lhe garantiriam, posteriormente, o certificado de especialista em Engenharia de Produção pela COPPE e toda a pesquisa desenvolvida para a dissertação “EPI- Equipamentos de Proteção Individual: avaliação de uso e ergonomia” (Figura 9) seria um trunfo nos próximos acontecimentos.



Figura 9: À direita, Regina no Laboratório de Ergonomia da COPPE. Abaixo, parte da pesquisa realizada sobre EPI - Equipamentos de Proteção Individual: avaliação de uso e ergonomia. Fonte: Acervo pessoal de MRACD.

Em 1982, retornou a Belo Horizonte para atuar como professora na ESAP da FUMA, no período de março de 1982 a março de 1984. Voltar à Escola não gerou estranhamento, uma vez que seus colegas das disciplinas projetuais eram justamente da turma do CETEC com a qual encontrava frequentemente nas suas vindas a Belo Horizonte. No entanto, chamou sua atenção o fato de que agora, os professores de projeto eram designers egressos da FUMA, como ela e não mais arquitetos como no seu tempo de graduação. Independente da competência destes últimos, era bom saber que o curso vinha adquirindo uma identidade própria.

Na condição de professora das disciplinas Desenvolvimento de Projeto de Produto II e IV; Ergonomia aplicada ao projeto de produtos e Ergonomia I, Regina desenvolveu uma série de trabalhos com seus alunos que ilustram o amadurecimento da área projetual da Escola. Além disso, atendendo a um pedido da Prof. Neida Bastos da Silva, então diretora da ESAP, Regina e seu colega Prof. Romeu Dâmaso, elaboraram um Programa de Extensão, em 1983, responsável pela criação do Centro de Extensão, que até hoje tem papel de destaque na estrutura acadêmica da unidade.

As figuras a seguir apresentam alguns dos projetos desenvolvidos pelos alunos das disciplinas Desenvolvimento de Projeto de Produto e Ergonomia. Na Figura 10, em (a), o projeto é de uma Trena Digital, de 1983, para medição de grandes áreas urbanas e rurais, e no momento que os alunos desenvolveram o projeto não havia produtos similares com tal tecnologia. Os alunos foram: Ariane Nascimento Cosso, Mônica Campos Guimarães, Roberto Salgado Bicalho e Siomara Gontijo Goulart. O projeto (b) é de Cadeira Infantil, desenvolvido na disciplina de Ergonomia em 1983. A cadeira permite a regulagem do assento e apoio dos pés da criança durante seu desenvolvimento e privilegia o uso de mesas domésticas de altura média de 80 cm. Os alunos foram: Ângela Fonseca, Cláudia Ferreira e Vânia Sampaio.

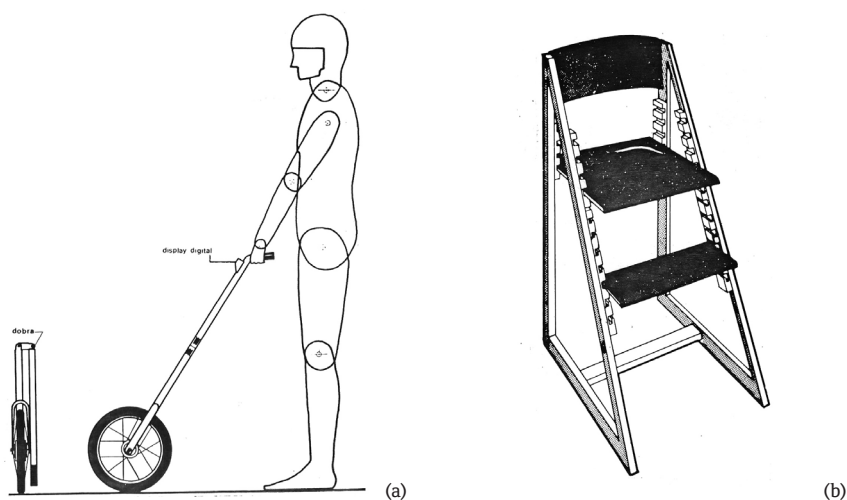


Figura 10: (a) Trena Digital e (b) Cadeira Infantil, ambos de 1983.

Fonte: Acervo pessoal de MRACD.

Na Figura 11, o projeto é de uma maca que permite o transporte do paciente na área externa e interna dos hospitais de modo a evitar transtornos na passagem de uma maca para outra. O projeto foi desenvolvido em 1983 pela mesma equipe do projeto anterior. O item (d) é um estudo ergonômico de uma cabine de caminhão, realizado pelos alunos Cláudia Miglioli e Rogério Alvarenga Bittencourt.

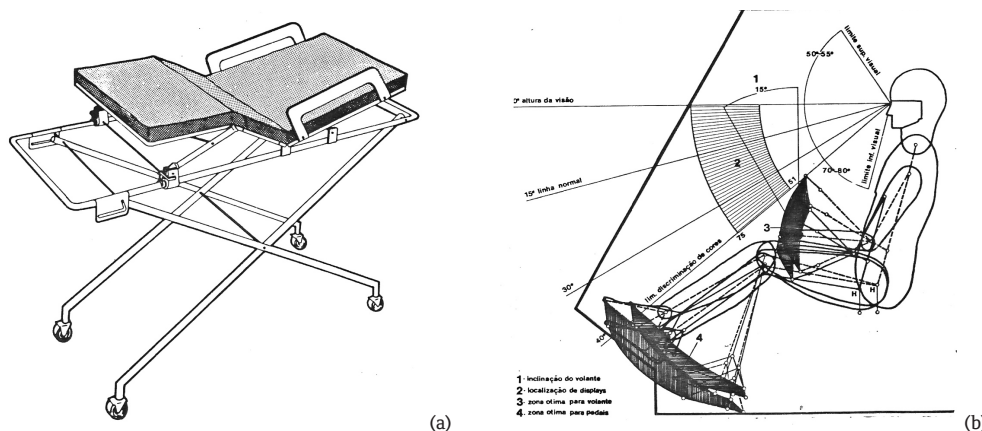


Figura 11: (a) Maca hospitalar e (b) Estudo ergonômico para cabine de caminhão. Fonte: Acervo pessoal de MRACD.

No final de 1982, quando ainda estava como professora da FUMA, Regina participou de um concurso promovido pelo CNPq e pelo Núcleo de Desenho Industrial (NDI) da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP). O tema do concurso era o uso do desenho industrial para prevenção de acidentes e Regina apresentou um projeto que era parte dos estudos desenvolvidos no mestrado da COPPE, sobre aspectos ergonômicos e de design relacionados a Equipamentos de Proteção Individual (EPI). Seu projeto não foi premiado; no entanto lhe rendeu algo bem mais interessante.

Entre os membros da organização e comissão avaliadora do concurso, estava Gui Bonsiepe (1934), figura conhecida e respeitada no campo do design pelos livros e artigos publicados, pelos projetos realizados e por sua combatividade em defesa do Design. “Formado na Hochschule für Gestaltung em Ulm, na Alemanha, Bonsiepe tem sua carreira de teórico, professor e projetista ligada à América do Sul. No Brasil foi personagem importante no ensino de Design e na reflexão sobre as possibilidades de projetar em países periféricos” (Leon, 2005, p. 88).

Bonsiepe estava envolvido naquela época com a criação e implantação, em Florianópolis, do que viria a ser conhecido como Laboratório de Desenvolvimento de Produtos / Desenho Industrial (LDP/DI) que seria sucedido pelo Laboratório Brasileiro de Desenho Industrial (LBDI). A história desses dois importantes momentos do Design brasileiro está muito bem contada no livro Canasvieiras, um laboratório para o Design Brasileiro: a história do LDP/DI e LBDI – 1983-1997, de autoria de Ethel Leon, publicado em 2014. Pois bem, no final de 1982, após conhecê-la por meio do já citado concurso, Bonsiepe convidou Regina para participar do 1º Curso de Atualização Projeto de Produto / Desenho Industrial que aconteceria em Florianópolis, logo no início de 1983. O curso, que já era uma ação do LDP/DI enquanto este ainda estava sendo implantado, aconteceu na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), teve a duração de um mês em período integral de oito horas e reuniu 12 profissionais entre designers, engenheiros e técnicos. A coordenação das equipes ficou por conta do próprio Bonsiepe, Rodrigo Walker, do Chile e André Joye, da Suíça e a dinâmica consistiu em minicursos rápidos, visitas técnicas a empresas, palestras e a parte experimental prática.

Regina atuou na equipe de desenvolvimento de uma máquina de lapidação de gemas preciosas (Figura 12), desde a definição, conceituação, elaboração de modelos, *mock-ups*, desenhos detalhados e documentação do projeto. O resultado foi publicado, juntamente com os projetos das demais

equipes em Um experimento em projeto de produto/ desenho industrial ² e, mais recentemente, no livro Design como prática de projeto³ também de Bonsiepe.

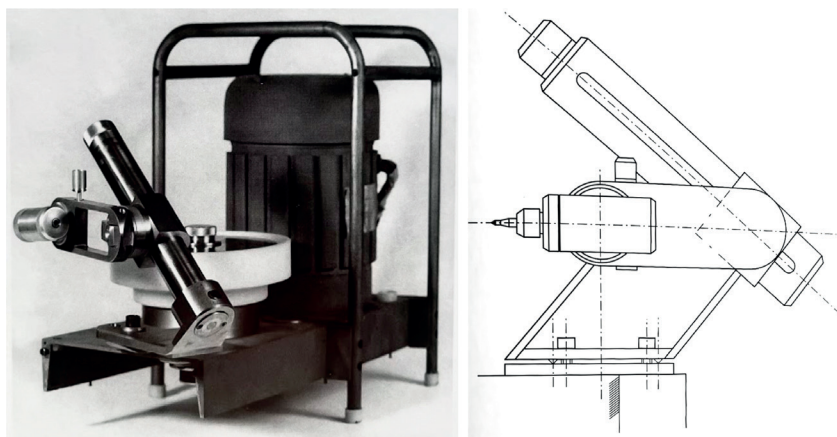


Figura 12: Modelo do equipamento e desenho esquemático do facetador
Fonte: Bonsiepe; Walker (1983); Bonsiepe (2012).

Após o curso, Regina retornou para Belo Horizonte e continuou seu trabalho na FUMA até 1984. No entanto, a sua participação na primeira ação do LDP/DI foi fundamental para ditar os rumos de sua trajetória profissional nos anos seguintes.

No início de 1984, foi convidada por Bonsiepe, desta vez para integrar o LDP/DI, do qual participou ativamente tanto da equipe responsável pelo desenvolvimento de projetos de design como dos cursos de atualização que continuam sendo oferecidos: o segundo em Campina Grande, na Paraíba, o terceiro e o quarto, em Florianópolis. Nesses cursos, além da convivência e troca produtiva de experiências com profissionais de diversas áreas que foram importantes para seu crescimento profissional, Regina colaborou bastante, seja ministrando aulas (Ergonomia aplicada a produtos), seja assumindo a documentação gráfica das publicações resultantes de cada um dos cursos (Figura 13).

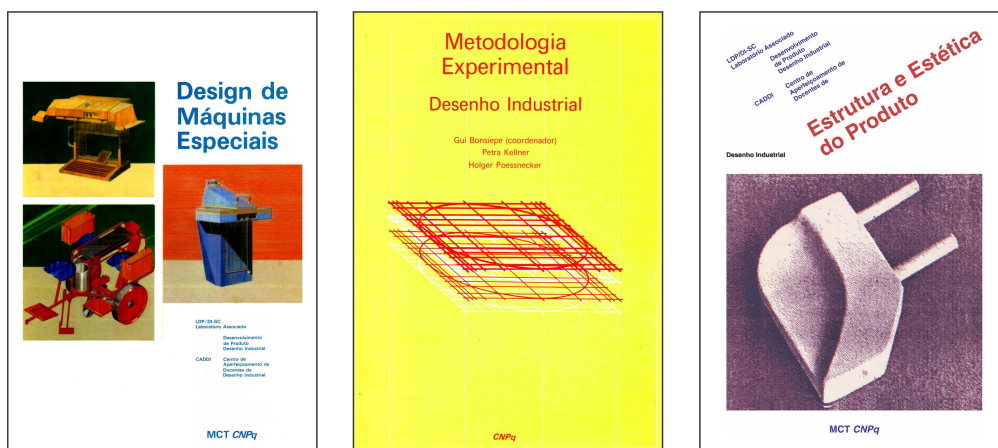


Figura 13: Publicações dos resultados dos cursos realizados no período de 1984 a 1986.

Fonte: Bonsiepe; Kellner; Poessnecker (1984a), Bonsiepe (1996b, 1986c).

Dentre os projetos que desenvolveu como parte da equipe do LDP/DI, entre 1984 e 1985, Regina destaca: debulhadora de pequeno porte para cereais, juntamente com uma equipe de professores

2 BONSIEPE, Gui; WALKER, Rodrigo. Um experimento em projeto de produto/ desenho industrial. Brasília: CNPq/Coordenação editorial. 1983.

3 BONSIEPE, Gui. Design como prática de projeto. São Paulo: Blucher, 2012, p. 162-169.

e alunos da Engenharia Mecânica e de Produção da UFSC; móveis para a administração pública de Santa Catarina (Figura 14); carcaça para compressor experimental (para a Weg); sistema de bagageiros com ventosas para automóveis; e alarme para uma empresa de eletrônica em Florianópolis. Em 1986 foram muitos os trabalhos desenvolvidos, tendo participado do projeto para equipamento odontológico, nas etapas: estudo ergonômico da atividade do dentista e conceituação de design para equipamento e acessórios (Figura 15); e redesign de máquinas para o setor calçadista, este desenvolvido durante o 4º Curso de Atualização Projeto de Produto/ Desenho industrial realizado no Laboratório em março e abril de 1986.

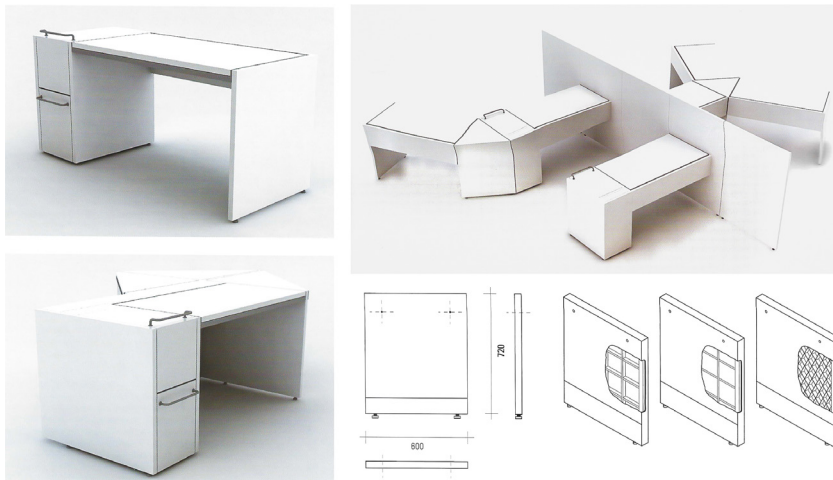


Figura 14:
Móveis para a
Administração
pública de Santa
Catarina.
Fonte: Bonsiepe
(2012, p. 130).



Figura 15: Cadeira
para serviços
odontológicos.
Fonte: Bonsiepe
(2012, p. 158).

Em 1985, durante sua atuação no LDP/DI, Regina foi convidada pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA) a ministrar a disciplina Ergonomia no *Curso de Reciclagem para Docentes do Curso de Desenho Industrial* do Centro Tecnológico da instituição. Sua participação não pode ser vista como extemporânea, uma vez que estava em sintonia com a proposta do LDP/DI para organizar cursos para treinamento de todos os tipos de profissionais que atuassem no Design.

Como lembra Leon (2014), tanto o CNPq, que na década de 1980 ampliou significativamente sua atuação em prol da configuração de uma política científica e tecnológica, quanto os encontros

nacionais de docentes (novembro de 1983) e de diretores de escolas de Desenho Industrial (outubro de 1984) recomendam a capacitação de docentes como uma demanda urgente a ser atendida para melhorar a qualidade dos profissionais do país.

Da mesma forma, a expansão do ensino de Desenho Industrial no país, iniciada também na década de 1980, pressionava os cursos de universidades públicas, que não contavam com as mesmas facilidades de contratação (e demissão) de professores das instituições particulares e precisavam requalificar seu corpo docente. É compreensível, portanto, a ida de Regina para o Maranhão, para um curso de reciclagem, especialmente numa área ainda tão incipiente como a Ergonomia e para um curso de DI, como o do UFMA, ainda relativamente novo, pois havia sido criado em 1976.

Regina ficou no LDP/DI até meados de 1986 quando terminou o contrato inicial de trabalho com duração de dois anos. Decidiu então se aventurar em São Paulo. Após entrevistas em várias empresas obteve emprego na Itautec Informática SA como analista de sistemas júnior tendo sido, no ano seguinte, promovida a analista de sistemas pleno.

A Itautec foi uma empresa brasileira de tecnologia fundada em 1979, em São Paulo, oriunda de um departamento do Itaú. Sua especialidade era o desenvolvimento de produtos e soluções em tecnologia da informação, automação comercial e automação bancária. Chegou a possuir a décima maior base instalada de máquinas de autoatendimento no mundo e a segunda na América Latina, bem como a maior rede própria de assistência técnica em informática no Brasil. A partir de 2013 passou para o controle da japonesa Oki Electric Industry Co. Ltd.

Apesar de estar empregada como analista de sistemas, Regina integrou uma equipe de designers sob a coordenação de Elisabete Proença composta por Eduardo Ferreira (atualmente Fundação Certi), Claudio Filus e Edson Dantas Dias (Figura 16).



Figura 16: A equipe de designers: à esquerda, Edson Dantas Dias, Claudio Filus, Eduardo Ferreira. À direita, Regina Álvares e Terezinha. Fonte: Acervo pessoal de MRACD.

Participou do desenvolvimento de novos produtos na área da informática como os Microcomputadores Linha IS: IS30 Plus, IS 30 Plus II, IS 286 e 386 /Projeto Super Mini S 3700; Sistema Itautec de Controle de Acessos e projetos que na época eram inovadores, como o computador modular e o computador portátil (Figura 17).

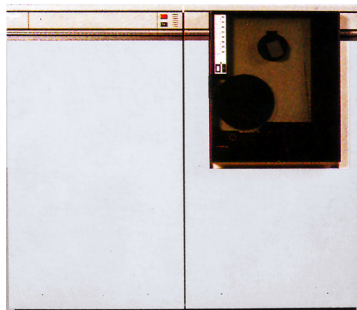


Figura 17:
Microcomputador
IS30 plus,
equipamento de
automação bancária,
computador modular
e computador
portátil.
Fonte: Acervo
pessoal de MRACD.

A experiência em São Paulo e na Itautec foi totalmente nova para Regina. O grupo de designers com o qual trabalhava era predominantemente masculino e pouco afeito a amizades além do convívio de trabalho. O clima de competitividade era grande, mas foi uma oportunidade excelente para aprender uma outra realidade profissional, se familiarizar com a execução de modelos e protótipos e adquirir informações trazidas pelos colegas seniores que participavam de feiras internacionais. Inicialmente, Regina morou com uma prima, mas teve a oportunidade como funcionária da empresa, de fazer um financiamento que lhe permitiu adquirir o primeiro imóvel – um apartamento bem pequeno, porém perto da Avenida Paulista e ela pôde aproveitar bem a vida cultural da região.

No final de 1988, Regina recebeu proposta para retornar a Florianópolis no LDP/DI, onde ficaria até 1993. Ela voltava num segundo momento do Laboratório. Em 1987, Bonsiepe solicitou afastamento temporário e fora para os Estados Unidos por interesses particulares, só retornando ao Brasil em 1990. Eduardo Barroso Neto e Marcelo de Resende assumiram respectivamente a coordenação administrativa e técnica do Laboratório. Encorajados pelo apoio que então recebiam do CNPq, da FINEP e outros organismos, ampliaram significativamente as instalações, aumentaram a equipe e o escopo de atendimento às empresas. De 1989 em diante, agora sob o nome de Laboratório Brasileiro de Desenho Industrial (LBDI) foram desenvolvidas inúmeras atividades entre cursos de aperfeiçoamento, cursos de curta duração, workshops, encontros, seminários, publicações e projetos (Figura 18).



Figura 18: Regina, a quarta pessoa da direita para a esquerda, da primeira fileira, juntamente com parte da equipe do LBDI.

Fonte: acervo pessoal de MRACD.

O LBDI viria a terminar em 1997 em função da convergência de diversos fatores entre eles, a mudança de comando nas instituições financiadoras que diminuiriam ou até mesmo eliminaram suas verbas de apoio; a precariedade institucional do Laboratório resultante da falta de uma identidade jurídica; a falta de interesse pelo Design por parte das micro e pequenas empresas e a falta de interesse das grandes empresas, muitas vezes estrangeiras, que tinham seus próprios modelos. Sua contribuição, contudo, foi inestimável, pois promoveu um aumento das discussões sobre Design no país e proporcionou oportunidades de capacitação que foram de grande valia para os profissionais.

A experiência no LBDI foi de grande importância para Regina, não só pelas atividades desenvolvidas (participou de todos os cursos, *workshops* e eventos promovidos e também de muitos projetos). Mas, principalmente, pela convivência de trabalho com os colegas, muitos já velhos conhecidos (egressos da FUMA, do CETEC e do LDP/DI) e outros tantos que ficou conhecendo, inclusive estrangeiros, latino americanos em sua maioria, e alguns europeus: “Fiz amigos que cultivo até hoje com muito orgulho” (Dias, 2014, não paginado).

O período de atuação junto ao LBDI, proporcionou a Regina diversas experiências marcantes. Em 1992, por exemplo, foi convidada pelo Governo de Cuba a ministrar um curso de representação visual de design de produtos e participar em um projeto de ergonomia no Instituto Superior de Diseño Industrial (ISDI), ficando várias semanas em Havana. O ISDI foi oficialmente criado em 1984, mas sua história remonta a 1963 com a criação, pelo governo revolucionário, da Escola Superior de Desenho Industrial de Havana, fruto do entendimento de que o Design seria fator de desenvolvimento e ferramenta para melhorar a qualidade de vida das pessoas. O ISDI teve seu primeiro ano letivo em 1984, mudou-se para a atual sede em 1987 e vem, desde então, capacitando profissionais em sintonia com o que acontece internacionalmente, mas procurando respeitar os valores da cultura cubana. O Instituto Superior de Diseño (ISDI) (antigamente Instituto Superior de Diseño Industrial) era e é, até hoje, a única instituição de ensino superior em Cuba

dedicada à formação de profissionais universitários nas carreiras de Desenho Industrial e Design de Comunicação Visual, tendo graduado mais de dois mil profissionais⁴ (Figura 19).



Figura 19: Logo e sede do ISDI em Havana.
Fonte: <https://www.isdi.co.cu/index.php/site/historia/Historia>

O projeto em ergonomia consistiu em uma pesquisa antropométrica inédita sobre a população cubana, iniciativa dos professores do ISDI Ruben Vieira (psicólogo e ergonomista) e Pedro Garcia (designer) (Figura 20) que deram continuidade após seu retorno ao Brasil, mas que não a concluíram, talvez pela falta de recursos. Ficou a amizade com os colegas.



Figura 20: Projeto de antropometria para a população de Cuba para apoiar o design de produtos e moda. Na foto, o professor Pedro Garcia e equipe na montagem de um dispositivo para a coleta de medidas antropométricas. Fonte: acervo pessoal de MRACD.

Dentre os projetos dos quais participou no LBDI, Regina destaca: (1) Luva e Facão para o Corte da Cana-de-Açúcar desenvolvidos para a COPERSUCAR, 1991 e 1992, o qual gerou artigos e boa divulgação, tendo sido, inclusive, objeto de uma matéria da Rede Globo no programa Globo Ciência nessa época (Figura 21); (2) Projeto de Viveiro de Mudas para ARACRUZ FLORESTAL, 1991 e 1992; (3) Chuveiro e Torneira Eletrônicos para TIGRE, 1988 ; (4) container para criogênio para a empresa Cryometal (Figura 22) e (5) Sistema de Monitoramento para Bebês (Figura 23) para um Concurso Internacional de Design em 1991, que também teve boa repercussão como uma matéria na revista Veja SC (Dias, 2024).

⁴ Para saber mais: <https://www.isdi.co.cu/index.php/site/historia/Historia>



Figura 21: Projeto de facão e luvas de segurança para cortadores de cana de açúcar da Copersucar.
Fonte: acervo pessoal de MRACD.



Figura 22: Apresentação do protótipo do container de criogênio para Cryometal, Maria Regina, Marcelo de Resende, Eduardo Barroso Neto e Fernando Geber (modelista).
Fonte: acervo pessoal de MRACD.

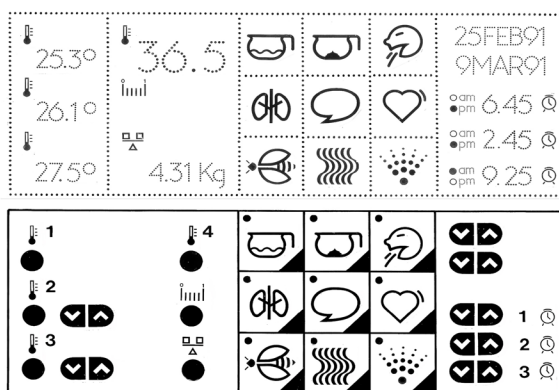


Figura 23: Central de monitoramento do bebê. Na imagem, tela de informações das condições do bebê e ambiente e outro, painel de controle para o monitoramento.
Fonte: Acervo pessoal de MRACD.

Vale observar como algumas soluções projetuais desenvolvidas no LBDI já pensavam na incorporação de funcionalidades que hoje parecem ser possíveis, mas há 30 anos a tecnologia não atenderia às inovações desejadas. É o caso do projeto conceitual *Bué*. Em 1993 a equipe da LBDI se dividiu para resolver um desafio de um Concurso da Coréia para a comunicação no ano 2000. Os dois projetos mais interessantes foram então enviados ao evento, o primeiro denominado “*Bué*” para o monitoramento entre a mãe e o bebê (Figura 23). O conjunto foi composto de um berço com sensores, uma central próxima ao berço e uma espécie de relógio no pulso da mãe para o acompanhamento do bebê. Além das informações sobre choro, umidade do berço, temperatura,

batimentos cardíacos, impressão das condições fisiológicas do bebê, o sistema emitia frequência capaz de evitar insetos ao redor do berço e fazia a umidificação do ambiente. O outro projeto, também hoje já plausível, foi um relógio com um sistema de tradução de idioma simultâneo para conversações entre as pessoas (Dias, 2024).

A respeito de sua experiência no LBDI, Regina se manifesta:

Minha percepção hoje é que sou uma história viva do design brasileiro, assim como outros colegas do Laboratório. Quando relato na UEMG que trabalhei no setor Design do CETEC e no LBDI, as pessoas mais novas se surpreendem. Há uma curiosidade em saber mais, que eu fale das experiências em ambos.

[...]

Acredito que o resultado destas experiências não pode ser traduzido ou demonstrado nos projetos de design, na forma de imagens, fotografias e registros. Os projetos podem nem ser assim tão bons e nem atrativos como hoje. Penso que é um conhecimento intangível, na forma de um saber complexo do processo de fazer design, de forma conjunta e cooperativa, alimentado por muita alegria e amizade. Um tempo que infelizmente não volta mais e tenho muita saudade, que eu era muito feliz e não sabia (Dias, 2014, não paginado).

Estimulada pelo ambiente febril de aquisição de conhecimentos, Regina, paralelamente às suas atividades junto ao LBDI, resolveu fazer outro curso de especialização, em Engenharia de Produção, na Universidade Federal de Santa Catarina. Entre setembro de 1989 e setembro de 1990, além de se atualizar em conteúdos da área, ela pôde consolidar laços com a instituição que viriam a ser estratégicos nos próximos anos.

Pressentindo as dificuldades que estavam por vir, Regina foi em busca de alternativas de atuação profissional, e foi nesse momento que o relacionamento construído com a UFSC deu seus frutos. Entre 1992 e 1997, cerca de cinco anos, foi pesquisadora bolsista da UFSC para atuar em dois núcleos: Núcleo de Design Cerâmico e Núcleo de Ergonomia e Estudos do Trabalho. No período de 1995 a 1997, inclusive, Regina coordenou o Núcleo de Design Cerâmico no Laboratório de Materiais (LabNati) do Departamento de Engenharia Mecânica da UFSC, ministrou treinamentos na área da Computação gráfica aplicada ao Design, orientou dois bolsistas ITI: Cassiana Franco e Caetano Rabelo e participou do Projeto de Produto Cerâmico com Propriedades antiderrapantes para Cerâmica Portinari – Grupo Cecrisa (Figura 24) bem como da elaboração de Projeto para Curso de Especialização em Design Cerâmico.



Figura 24:
Produtos cerâmicos
baseados em
pinturas rupestres
encontradas em
Santa Catarina: linha
Holi, linha Mosaico, e
clássico.
Fonte: Acervo
pessoal de MRACD.

Sua atuação lhe valeu um retorno, quando participou, de 2005 a 2006, como bolsista DTI (bolsa de Desenvolvimento Tecnológico e Industrial do CNPq) de outro projeto vinculado ao Laboratório de Materiais (LabMat) e ao Centro Cerâmico do Brasil (CCB). O projeto, intitulado Gestão de Design Cerâmico, com apoio financeiro da FINEP/CCB/UFSC, lhe possibilitou coordenar uma equipe de designers para atuar junto às indústrias cerâmicas de Santa Catarina e Santa Gertrudes, em SP. A Agência para o desenvolvimento do Design Cerâmico 2AD foi uma ação inovadora, contou com a participação da Ainá Vogel, Natacha Camila Pontes, João Luis Rieth, Marcos Serafim e outros integrantes (Figura 25). Uma das ações da equipe foi a Missão Técnica Internacional em Design Cerâmico - CCB e UFSC, na Itália, Espanha e Portugal em 2005.



Figura 25: páginas resultantes do trabalho de elaboração e gestão de conteúdo do site da 2AD Agência para o Desenvolvimento do Design Cerâmico. Fonte: Arquivo pessoal de MRCD.

Vale ressaltar que a UFSC construiu uma história sólida de atuação nessas duas áreas podendo-se citar os atuais CERMAT - Núcleo de Pesquisa em Materiais Cerâmicos e Compósitos do Departamento de Engenharia Mecânica e o LABERGO - Laboratório de Ergonomia que faz parte do Departamento de Engenharia de Produção e Sistemas (DEPS) do Centro Tecnológico (CTC), ambos da Universidade.

Em 1997, paralelamente às atividades junto aos núcleos da UFSC, Regina recebeu convite para colaborar com a empresa Paradesign, criada pelo designer Célio Teodorico dos Santos quando do fechamento do LBDI, na qual permaneceu até 2000. Entre outros, desenvolveu projetos para Banco do Estado de Santa Catarina (BESC), EQUISUL, FUSESC, CS Eletrônica, SPECTO Ind. e Com. De Equipamentos Eletrônicos, APEX -Sistemas Eletrônicos Ltda, PLASVALE e TEXACO do Brasil. Regina (2024) destaca como exemplo de uma produção mais contínua, a PLASVALE e a EQUISUL. De início, a PLASVALE (empresa catarinense cuja história remonta a 1968, produtora de utilidades domésticas em plástico e que hoje está presente em cerca de 30 países) já era um cliente que Regina atendia e passou para a Paradesign, com uma parceria bastante profícua. O ritmo de projetos era grande, e chegaram a desenvolver mais de uma centena que foram industrializados (Figura 26). A EQUISUL foi outra empresa com a qual mantiveram uma boa relação profissional e para a qual desenvolveram muitos projetos (Figura 27), um dos quais chegou a render uma premiação de design para o Célio.



Figura 26:
Alguns projetos
desenvolvidos para
a Plasvale: tapete
antiderrapante
para banho e lixeira
basculante.
Fonte: Acervo
pessoal de MRACD.

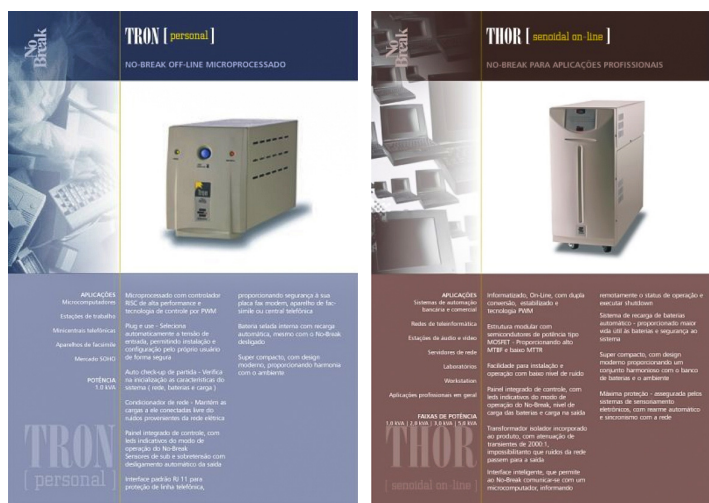


Figura 27: Linha
de No-Breaks para
Equisul: design de
produtos, design
gráfico de peças de
divulgação e vendas.
Fonte: Acervo
pessoal de MRACD.

Em 1999, foi convidada por Rodrigo Sabatini (atualmente presidente do Instituto Lixo Zero Brasil), para atuar como designer *freelancer* junto à equipe de desenvolvedores de mídias digitais de sua empresa ETHERMÍDIA. Regina trabalhou com eles até 2001 em uma série de projetos como o *site* oficial do tenista Guga Kuerten e o *site* oficial do pugilista Popó de Freitas, ambos para a Globo.com, com a qual a empresa tinha um contrato (Figura 28). Também participou dos projetos Gincana Premiada, Ensino Web (Figura 29) e Interactive Business.

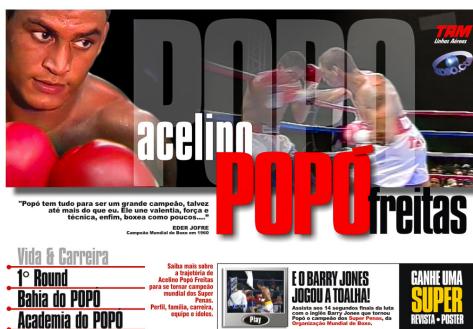


Figura 28: Site oficial do tenista Guga Kuerten e site oficial do pugilista Popó de Freitas.
Fonte: Acervo pessoal de MRACD.

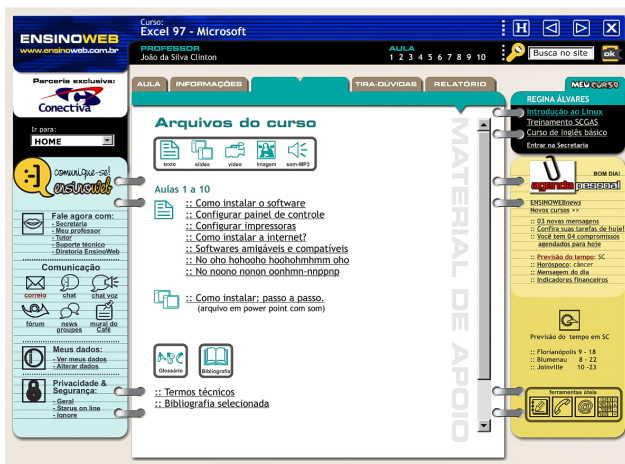


Figura 29: Site da plataforma EnsinoWeb.
Fonte: Acervo pessoal de MRACD.

Merece ser lembrada também, a participação de Regina em um projeto pioneiro e diferenciado, muito pouco conhecido pelo meio acadêmico do Design. Trata-se do Centro de Design do Ceará que resultou da proposta de uma escola de design alternativa, apresentada, em 1996, ao governo do Ceará por Eduardo Barroso Neto e uma equipe de especialistas⁵. O estado não contava, até então, com formação específica na área, mas tinha interesse em capacitar profissionais rapidamente. O modelo proposto era bastante inovador:

Defendíamos a criação de uma escola pioneira, inovadora em sua forma e conteúdo, livre das normas e exigências do Ministério da Educação e dos sistemas formais de ensino, sintonizada com as mudanças do mercado e as necessidades do nordeste. Capaz de oferecer ao mercado respostas em um espaço de dois anos (Barroso Neto, 2003, não paginado).

O projeto contou com o apoio da Secretaria de Cultura e da Secretaria de Ciência, Tecnologia e Educação Superior do Ceará, do Ministério do Trabalho por meio do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT) e CNPq. A estruturação em módulos permitiu que se montasse um time de professores, do Brasil e do exterior (Alemanha, Bélgica, Holanda, Argentina, Chile, Colômbia, México e Estados Unidos) que não encontrava paralelo em nenhuma outra escola de design do

5 Augusto Morello, fundador do ICSID; presidente da Trienal de Milão; um dos pioneiros do design Italiano; editor e crítico da Revista Estilo e Indústria. Luis Rodríguez Morales, designer mexicano. Viveu e trabalhou no Japão, Inglaterra, Dinamarca, Holanda, Cuba e Brasil. Um dos mais consagrados autores sobre teoria e ensino do design na América Latina. Joaquim Redig; designer; professor da UFRJ. Autor de três livros sobre ensino do Design. Romeu Damaso; Professor da Escola de Design da UEMG. Lia Mônica Rossi, professora no Curso de Design da UFPB (<https://issuu.com/eduardobarrosonetodo/docs/cdc/>).

país. Entre 1998 e 2000 duas turmas, cerca de 50 alunos, concluíram satisfatoriamente o curso, mas mudanças na gestão administrativa e política do estado e das instituições de apoio dificultaram a continuidade do projeto.

Essa experiência, contudo, mostrou que a crescente organização e força que o ensino superior do Design vinha apresentando, exigiria, cada vez mais, professores qualificados. De volta a Santa Catarina, Regina buscou na UFSC, um novo desafio a vencer: a qualificação *stricto sensu*.

Entre 2000 e 2009, com a intenção de fazer um concurso para ingressar em uma universidade pública, Regina resolveu investir na sua capacitação *Stricto sensu* e se voltou para a área que até então tinha sido receptiva à sua condição de designer: a Engenharia de Produção; e na instituição com a qual já mantinha um relacionamento sólido como a Universidade Federal de Santa Catarina.

Há que se observar também que os programas escolhidos por Regina ou já estavam consolidados, como o Programa de Pós Graduação em Engenharia de Produção (PPGEP), reconhecido desde 1979, no qual fez o mestrado, ou, completamente inovadores, como o Programa de Pós-Graduação em Engenharia, Gestão e Mídia do Conhecimento (PPGEGC), o primeiro criado no Brasil, lançado em 2004, no qual cursou o doutorado.

Leila Amaral Gontijo foi uma poderosa aliada de Regina em sua busca por capacitação *Stricto sensu*. Ambas estudaram Desenho Industrial na FUMA e se graduaram no mesmo ano de 1977. Leila, no entanto, após um curto período de atuação como designer em empresas e professora da própria FUMA, decidiu-se por fazer seus estudos de pós-graduação na França, onde ficou de 1981 a 1987. Sua área de interesse era a Ergonomia, ainda incipiente no Brasil e sobre a qual a França era referência mundial. Após seu retorno ao Brasil, atuou no Setor de Desenho Industrial do CETEC e, em 1989, foi para Florianópolis como professora visitante da UFSC, instituição na qual se tornou efetiva em 1993 por meio de concurso público. Na época em que Regina iniciou o mestrado na UFSC, em 2000, Leila já tinha, inclusive, feito Pós-Doutorado na Suécia. Sua amizade e sua sólida experiência acadêmica foram um precioso apoio para ela.

A dissertação de mestrado intitulada “O ensino do design: a interdisciplinaridade na disciplina de projeto em Design”, foi defendida em abril de 2004. Em meados desse mesmo ano ingressou no curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, no qual defendeu a tese “Percepção dos materiais pelos usuários: modelo de avaliação Permatius”, em outubro de 2009.

Durante esse período ela procurou compatibilizar sua atuação docente (como visto, foi professora visitante no Centro de Design do Ceará (CDC), além de atuar nas Faculdades UNISUL e nas Faculdades Bardaal) com as atividades profissionais como designer e empreendedora à frente da PIXEL Design Ltda.

Em 2001, tendo encerrado sua colaboração junto à Paradesign e à ETHERMÍDIA, Regina criou a PIXEL Design para viabilizar o atendimento a uma série de demandas de instituições e empresas que ainda a procuravam para a prestação de serviços de design. Sua participação em projetos de pesquisas no âmbito da UFSC facilitou a constituição de uma rede de pesquisadores e laboratórios com demandas específicas. Alguns grupos de pesquisa ligados à Engenharia Civil, como o liderado pelo professor Humberto Roman e outro liderado por Roberto Lamberts, permitiram atender ao trabalho de design editorial para o Programa Habitare financiado pela Finep. Foram editados

diversos livros da Coletânea Habitare, Coleção Habitare e Recomendações Técnicas, *web sites* de cursos EAD, *site* e design do periódico Ambiente Construído, *site* do Centro de Referência e Informação em Habitação (InfoHab), identidade visual da ANTAC - Associação Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído, dentre outros projetos (Figuras 30 e 31).



Figura 30: Design editorial da Coletânea e Coleção Habitare.
Fonte: <http://www.habitare.org.br/capa.aspx>



Figura 31: Design do site e Revista Ambiente Construído - AC e site InfoHab.
Fonte: Acervo pessoal de MRACD.

Com a titulação obtida, e já tendo desacelerado as atividades de sua empresa PIXEL Design, Regina participou em 2009 e 2010, de três editais de concursos para professor em cursos de Design: Universidade de Brasília (UnB), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). “Passei em todos eles, mas optei em ficar na UEMG, que foi a instituição onde fiz minha graduação e atuei como docente no início da carreira” (Dias, 2024).

Na Escola de Design da Universidade da UEMG, a princípio, sua atividade acadêmica se destinou à pós-graduação *stricto sensu*, mas logo também assumiu compromissos na graduação. Aliás, o maior desafio que enfrentou, e ainda enfrenta, é o acúmulo de tarefas: ministrar aulas na graduação, no mestrado e no doutorado, atuar na coordenação do Centro de Estudos em Teoria, Cultura e Pesquisa em Design (T&C Design), atuar na equipe editorial da revista “Pensamento em Design”, periódico do Programa de Pós-Graduação em Design (PPGD) da UEMG, orientar mestrandos e doutorandos sem falar nas demandas ‘urgentes’ frequentemente recebidas da Reitoria.

Regina atua em uma grande diversidade de linhas de pesquisa e ministra aulas de disciplinas de diferentes tipos de conteúdo, transitando entre áreas tecnológicas e culturais com relativa facilidade, fato que atribui à uma formação e experiência profissional multidisciplinares e sua incansável busca por conhecimento de diferentes campos.

Enfim, essa mineira, designer de formação, profissão e coração, é uma mulher que transitou pelo Design durante cerca de cinquenta anos e que, às vésperas de se aposentar, teme a inatividade depois de uma vida acadêmica e profissional tão intensa. No entanto, acalenta planos de viajar bastante e talvez escrever um livro. Vamos aguardar.

Referências

- ALVES, Roberto Werneck Rezende. **O Setor de Desenho Industrial do CETEC**. Belo Horizonte, Minas Gerais. 2009. Entrevista concedida a Ana Maria de Paiva Ferreira.
- AMARAL, Osvaldo Coutinho do. **Os projetos de sinalização e mobiliário urbanos para o Plambel**. Belo Horizonte, Minas Gerais. 2016. Entrevista concedida a Giselle Hissa Safar.
- BARROSO NETO, Eduardo. **O Setor de Desenho Industrial do CETEC**. Belo Horizonte, Minas Gerais. 2009. Entrevista concedida a Ana Maria de Paiva Ferreira.
- BONSIEPE, Gui. **Design como prática de projeto**. São Paulo: Blucher, 2012.
- BONSIEPE, Gui. **Design de máquinas especiais**. Brasília: CNPq/Coordenação editorial. 1986b.
- BONSIEPE, Gui. **Estrutura e estética do produto**. Brasília: CNPq/Coordenação editorial. 1986a.
- BONSIEPE, Gui; KELLNER, Petra; POESSNECKER, Holger. **Metodologia experimental: desenho industrial**. Brasília: CNPq/Coordenação editorial. 1984.
- BONSIEPE, Gui; WALKER, Rodrigo. **Um experimento em projeto de produto/ desenho industrial**. Brasília: CNPq/Coordenação editorial. 1983.
- CENTRO DE MEMÓRIA CNPQ. Disponível em <https://centrodememoria.cnpq.br/realiz84.html>. Acesso em 15 dez. 2024.
- CLANDININ, D. Jean.; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. 2. ed. rev. Tradução Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia, MG: EDUFU, 2015.
- DIAS, Maria Regina Álvares Correia. **O ensino do design: a interdisciplinaridade na disciplina de projeto em design**. 2004, 163 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004. <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/87121>
- DIAS, Maria Regina Álvares Correia. **Percepção dos materiais pelos usuários: modelo de avaliação**. Permatius. 2009, 163 f. Tese (Mestrado em Engenharia e Gestão do Conhecimento) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/92232>.
- DIAS, Maria Regina Álvares Correia. **LDP/DI e LBDI**. Belo Horizonte, Minas Gerais. 15 de abril de 2014. Entrevista concedida por correio eletrônico a Ethel Leon.
- DIAS, Maria Regina Álvares Correia. **Os projetos de sinalização e mobiliário urbanos para o Plambel**. Belo Horizonte, Minas Gerais. 2016. Entrevista concedida a Giselle Hissa Safar.
- DIAS, Maria Regina Álvares Correia. **Trajetória de vida**. Belo Horizonte, Minas Gerais. 2024. Entrevistas e esclarecimentos concedidos a Giselle Hissa Safar por meio de correio eletrônico, mensagens de WhatsApp e contato pessoal.
- GONTIJO, Leila Amaral. **Memorial de atividades acadêmicas**. Florianópolis: Departamento de Engenharia de Produção e Sistemas da UFSC, 2017, 51 p. Memorial. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/186627>.
- LEON, Ethel. **Canasvieiras, um laboratório para o design brasileiro: a história do LDP/DI e LBDI – 1983-1997**. Florianópolis: UDESC / FAPESC, 2014, 168 p.
- LEON, Ethel. **Design Brasileiro: quem fez, quem faz**. Rio de Janeiro: Viana & Mosley, 2005, 196 p.
- PANORAMA DA IDENTIDADE VISUAL. Novembro de 1977. São Paulo. São Paulo: Museu de Arte de São Paulo, 1977. Catálogo de Exposição.
- SAFAR, Giselle Hissa. **Pioneirismo e inovação: a história do Setor de Desenho Industrial do Centro Tecnológico de Minas Gerais – CETEC**. 2019, 256 fl. Tese (Doutorado em Design) – Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

Sobre a autora

Giselle Hissa Safar é arquiteta, com especialização em Metodologia do Ensino Superior (FUMA), mestre em Engenharia de Produção (UFMG) e doutora em Design (2020) pela Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais. É professora aposentada da Escola de Design na qual ministrou, desde 1983, História da Arte e História do Design tendo ainda sido coordenadora do Curso de Design de Produto (2000/2004), Diretora (2004/2008), Coordenadora de Extensão (2008-2016) e Pró-Reitora de Extensão da UEMG (2016-2018). Suas áreas de interesse são história do design em geral, história do mobiliário, história da joia e mulheres no design.

E-mail: giselle.safar@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8518294148845993>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4697-2916>